

O Inverno de 1890 foi dos mais ásperos que flagelaram a Europa durante o século findo, e na Holanda, então — onde eu o passei quase todo —, país relativamente temperado e malissimamente preparado para as baixas temperaturas, morria-se de frio. Mas morria-se deveras, isto é: apareciam com frequência, nas ruas das cidades populosas, criaturas humanas inteiriçadas e mortas de frio.

O fleumático holandês clamava nos jornais contra a inclemência celeste, tal qual o exuberante napolitano — na desgraça todos se parecem —, anos depois vendo o Vesúvio tocar-se de gelo e a Riviera di Chiaia atascada em neve, se insurgia, também nas gazetas — como se a culpa fosse do governo —, contra a Providência que ordenava ou permitia aqueles rigores de temperatura em região a eles tão pouco afeita.

Foi o caso que nos Países Baixos todo o mês de Dezembro a temperatura se manteve entre 25° e 30° centígrados de frio; gelaram completamente os canais, os rios e até o Zuider-Zee, o seu pequeno Mediterrâneo. Mas os holandeses, em todo o caso melhor petrechados do que os napolitanos para resistir a semelhantes intempéries, aproveitaram a situação para dela tirarem algum partido, e metidos em peles, caras ou baratas conforme as posses de cada um, puseram-se na rua a patinar, e como grandes mestres que são nesse género de divertimento insensivelmente se transformaram de sorumbáticos, mazorros e grotescos em gente comunicativa, desempenada e alegre, dando ao país uma animação extraordinária e nunca atingida em Invernos normais.

Nos bairros populares das grandes cidades, como Amesterdão, o movimento durava, com intensidade quase igual, dia e noite, pois a qualquer hora o mesmo formigueiro humano cobria os canais,

gente de todas as idades deslizando sobre o gelo em caprichosas evoluções e agitando os braços para atear o calor no corpo. Seria difícil encontrar-se alguém na rua que não levasse consigo um par de patins.

Era uma espécie de frenesi contagioso a que, naturalmente, não soube resistir e como houvesse passado vários Invernos de aprendizagem no Norte da Europa aperfeiçoei-me e saí-me também exímio patinador, levando os dias inteiros a descrever correctíssimos ss e geométricos 88 sobre os lagos dos parques, na companhia dos meus amigos e das suas respeitáveis famílias.

Um dia que eu ficara de me encontrar em Vondelpark — próximo ao Rijksmuseum — com vários elegantes de ambos os sexos para dali seguirmos em excursão de patinagem até Harlém, logo à entrada do parque, numa volta estreita e mal concorrida do lago, a atenção prendeu-se-me irresistivelmente numa rapariga encantadora, de farta e negra cabeleira solta, que patinava sozinha, e fiquei-lhe a contemplar os graciosos movimentos sem mais me lembrar de que a poucos metros de distância era impacientemente esperado por um numeroso grupo de amigos.

Ela notou sem demora a embasbacada insistência do meu embevecimento, que pareceu desagradar-lhe soberanamente, e como, ao transpor uma das curvas do lago, se voltasse para verificar se eu ainda a remirava, deu um jeito ao pé, de que resultou desmanchar-se-lhe o patim. Isto encolerizou-a grandemente, purpurizando-lhe o rosto e tornando-o ainda mais adorável.

Procurou sítio para sentar-se e tirar o patim, mas não querendo vir à margem do lago, a fim, talvez, de evitar a minha proximidade, mesmo sobre o gelo se deixou cair, como que numa birra infantil, e baldadamente empreendeu endireitar a haste de aço ou quilha que se entortara ao saltar do velho patim.

Mas à medida que se ia convencendo da inutilidade dos seus esforços assim crescia o seu despeito, a sua irritação, até ao ponto de interpelar brusca e rudemente outro inocente transeunte que para também para a ver, dizendo-lhe qualquer coisa que devia significar: «ainda se não fartou de olhar para mim?». No entanto os seus olhos, esbraseados pela cólera, quando poisavam nos meus pareciam abrandar e dir-se-ia que exprimiam intenções conciliadoras.

Convencendo-se de que nada conseguia e desistindo afinal de continuar no recreio da patinagem, quase enfurecida arrancou os atilhos aos patins e infantilmente os ergueu ao céu, num jeito de ameaça; depois meteu-os debaixo do braço e com os olhos marejados de lágrimas foi-se, mas não sem primeiro me lançar um rápido olhar no qual a minha fatuidade descortinou convite a que a seguisse.

Era uma forte rapariga de seus quinze anos, com o desenvolvimento de mulher feita, embora vestindo saia curta; a tez levemente morena ou desse tom mate, que no Norte se contrapõe ao róseo nacarado das loiras e à luz meridional se capitularia, talvez, de alvura láctea; olhos imensos e pretos, da cor do cabelo que lhe caía, solto, sobre as costas, fartíssimo e ondeado como um velo de azeviche.

Sem mais pensar nos meus companheiros saí do parque e fui-lhe, discretamente, no encalço.

Aquela parte da cidade, cortada, como os outros bairros de Amsterdão, de canais que ali se caracterizam pela sua sinuosidade e pela rusticidade afectada ou real das suas margens, mais ou menos orçadas de vegetações diversas — ao tempo despojadas de folhas mas fluorescentes de neve — e pela fantasia e variedade na arquitectura das edificações, reveste o aspecto de cidade de bonecas, construída em Nuremberga.

Tomei à esquerda pela margem do mais próximo canal, e mesmo em frente às ruínas da Ópera recentemente destruída por um incêndio, quando a minha heroína ladeava direito a uma ponte, encontrámo-nos; cruzaram-se os nossos olhares e ela, após hesitação muito breve, retrocedeu para tomar o meu caminho, passando-me logo adiante. Estuguei o passo, alcançando-a sem demora, e dirigi-lhe não sei já que banal galanteio. Recebi pela expressão indignada dos seus olhos coriscantes a resposta esperada, mas sem me intimidar perguntei-lhe se falava francês e ela, evitando o meu olhar, mas tornando-se da cor de lacre, respondeu:

- Sim senhor, falo, mas isso que lhe importa?...
- Importa-me imenso para podermos conversar, porque eu não sei holandês.
- Conversar!... Pois tem alguma coisa a dizer-me?
- Se tenho! Olhe, primeiro queria saber porque está zangada.

— E ainda o pergunta!

— Mas se eu não posso adivinhar!

Ela então estacando e fazendo-se novamente vermelha, ficou-me com agudeza e, batendo pé, gritou:

— Por sua causa é que eu escangalhei o meu patim...

— Por minha causa?...

— Sim senhor, o senhor é que teve a culpa; se não se tivesse posto a olhar para mim daquela maneira não sucedia nada...

— Então acredita no mau-olhado?...

— Não sei o que isso é; sei que se o senhor não olhasse para mim...

— Se eu olhei para a menina foi por sua culpa...

— Essa agora...

— Linda como é...

— Ainda ninguém olhou para mim daquele modo...

— Toda a gente olha...

— E eu ia desmanchando um pé...

— Não me diga isso que me causa muita pena...

— Pena, muita pena, é que eu lhe queria dar...

— Isso não é sincero. Quer-me convencer com esses olhos que tem mau coração.

— Se vivesse comigo veria...

— E porque não hei-de viver?

— Há-de viver até ali ao fim da rua...

— Nem mais nada! Não quer então que eu a acompanhe?

(Silêncio.)

— Mora muito longe?

— O senhor é curioso a valer.

— Mas não faz mal nenhum perguntar.

— Sim senhor, moro muito longe...

— Deixe-me então acompanhá-la um pedacinho mais...

— A rua é para toda a gente...

— Gostava tanto que fosse minha mestra de patinar.

— Eu?!

— Então?

— Nunca...

— Mas porquê?

- Os meus patins não prestam... — e ao dizer isto sorriu tão ingenuamente, já tão confiada!
- Olhe que desculpa. Em qualquer parte se alugam bons patins.
- Mas eu não tenho dinheiro...
- Alugo-os eu.
- E eu que lhe não quero ficar a dever favores...
- Mas sendo minha mestra quem os ficava a dever era eu...
- Talvez... Mas o senhor não há-de ter jeito nenhum para aprender...
- Porque julga isso?
- Eu sei lá. Porque não tem cara de ter jeito... Não é loiro...
- Também a menina não é loira.
- Ora, mas sou holandesa e sou...
- É judia?

O que fui eu dizer! Havíamos entrado já em camaradagem franca ao tempo de soltar esta inocente pergunta, cujo efeito na minha graciosa companheira foi indescritível. Empalideceu, ruborizou-se, gaguejou e a muito custo despejou a insupeável cólera:

— Porque é que o senhor imagina que eu sou judia? Onde é que se vê que eu sou judia? Então não se pode ter o cabelo preto sem ser judia? O senhor naturalmente é judeu e pensa que todos o são...

E levou cinco minutos seguros em recriminações, à minha impertinência, à minha estupidez, numa irritação vivíssima que todas as minhas desculpas não conseguiam apaziguar. Por fim, de feições dolorosamente contraídas, as lágrimas a bailarem-lhe nas pestanas, disse em voz baixa:

— E eu que já estava fazendo tanto gosto em ser sua mestra!...

Aproveitei esta ponte lançada à reconciliação e, chamando-lhe criança, como criança a fui consolando, explicando-lhe que nenhuma intenção houvera da minha parte em a melindrar; que ser judia não era vergonha alguma e já agora que ela mostrava tanta zanga aos judeus sempre lhe dizia a verdadeira razão por que a supusera daquela raça. Não fora tanto pelos cabelos pretos, nem pela tez morena, fora por outro motivo muito diferente.

— Que motivo? — acudiu logo ela, ardendo em curiosidade.

— Parece-me que o melhor será não dizer, não vá a menina zangar-se outra vez...